A HISTORIOGRAFIA DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ FICCIONALIZADA NO ROMANCE *A FERRO E FOGO:* A PARTICIPAÇÃO DOS IMIGRANTES ALEMÃES E SEUS DESCENDENTES NA GUERRA DO PARAGUAI

THE HISTORIOGRAPHY OF GERMAN IMMIGRATION FICTIONALIZED IN THE NOVEL A FERRO E FOGO: THE PARTICIPATION OF GERMAN IMMIGRANTS AND THEIR DESCENDANTS IN THE PARAGUAYAN WAR

Eduardo Ortiz[1]

RESUMO

História e Literatura, ao abordarem o passado, produzem narrativas que transitam muito próximas uma da outra, principalmente gêneros como o romance histórico. Dito isso, neste artigo buscamos compreender o processo de construção da narrativa do romance histórico por meio da obra *A Ferro e Fogo*, de Josué Guimarães. Para tanto, elaboramos um estudo comparativo entre o romance e obras historiográficas utilizadas pelo autor para a composição de sua narrativa. Com o intuito de darmos maior profundidade à nossa análise, investigamos também os rastros deixados pelo romancista nos exemplares das obras historiográficas que compõem o seu acervo – ALJOG/UPF. Assim, passamos a abordar, nesta pesquisa, a representação literária acerca da participação dos imigrantes alemães e de seus descendentes na Guerra do Paraguai, buscando demonstrar a refiguração da historiografia por meio da construção narrativa elaborada pelo romancista, chegando à conclusão de que a mesma pode ser lida, sobretudo pelo público não acadêmico, como história, oferecendo, desta forma, uma leitura paralela à da historiografia tradicional, considerada como "oficial", no período

Palavras-chave: *A ferro e fogo*; Josué Guimarães; Guerra do Paraguai; Imigração alemã; Romance Histórico.

ABSTRACT

History and Literature, when approaching the past, produce narratives that transit very close to each other, mainly genres such as the historical novel. That said, in this article we seek to understand the process of construction of the narrative of the historical novel through the work A ferro e Fogo. For this, we elaborated a comparative study between the novel by Josué Guimarães and historiographical works used by the author for the composition of his work. In order

1 Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com área de concentração em História das Sociedades Ibéricas e Americanas, com doutorado sanduíche na Freie Universität Berlin (FU), Alemanha, onde realizou pesquisas no Lateinamerika-Institut (LAI) e Ibero-Amerikanisches Institut (IAI). Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professor na Rede Marista Brasil.

to give greater depth to our analysis, we also investigated the traces left by the novelist in the copies of the historiographical works present his collection – ALJOG/UPF. Thus, we started to approach in our research the literary representation about the participation of German immigrants and their descendants in the Paraguayan War, seeking to demonstrate the refiguration of historiography through the narrative construction elaborated by the novelist, reaching the conclusion that it can be read, above all, by the non-academic public, as history, thus offering a reading parallel to that of traditional historiography, considered "official" in the period

Keywords: *A ferro e fogo; Josué Guimarães; Paraguayan War; German immigration; Historical Novel.*

INTRODUÇÃO

Com o surgimento de teorias narrativistas, a historiografia e a escrita literária passaram a ser analisadas de maneira comparativa, sendo notável, desde então, os pontos que aproximam os dois gêneros, já que é possível encontrar elementos ficcionais na narrativa produzida pela História, do mesmo modo que há elementos históricos na narrativa romanesca. Todavia, tais elementos ficcionais não implicam no caráter científico da História, pois, como explica Certeau (2011, p. 46), "a ficção se encontra também no campo da ciência", servindo esses caracteres ficcionais apenas como elementos organizadores da narrativa historiográfica, e não definidores de sua construção. Indo de encontro a essa perspectiva, Koselleck (2012, p. 141-142) explica que:

> [A] ficcionalidade dos eventos narrados corresponde, no nível das estruturas, ao caráter hipotético de sua "realidade". Ora, sem dúvida, tais afirmações da teoria do conhecimento não podem impedir o historiador de se servir da ficcionalidade e das hipóteses para comunicar linguisticamente a realidade passada como um resultado de um estado de coisas empiricamente assegurado (KOSELLECK, 2012, p. 141-142).

Compondo-se de material discursivo, mediadas pela organização temporal e espacial da história feita por cada escritor e tendo como aspiração livrar do esquecimento eventos e sujeitos históricos – e aqui aludimos à literatura de temática histórica –, ambas as narrativas colaboram para a construção de novos discursos, os quais criam memórias e esquecimentos.

Tanto a História quanto a Literatura produzem sobre seu público um efeito prático muito próximo, visto que, mediante elas, o leitor procede, através daquilo que Paul Ricoeur (2010b, p. 103) se referiu como "tomar juntamente narrativo" dos eventos representados. Dito de outra maneira, o público de ambas as narrativas guia-se por intermédio do ato reflexionan-

te, o qual é, por sua vez, judicatório, já que o processo de narrar consiste em "refletir sobre" eventos e personagens. Como resultado, esse processo acaba por modificar a concepção e a conduta que os leitores possuem sobre o mundo, ao mesmo tempo em que cria, ou ainda reforça, valores sociais pré-estabelecidos.

Em virtude da liberdade criativa do escritor literário de completar as lacunas deixadas pelo historiador, por intermédio de seu universo criativo, as ficções possuem o poder de "soprar vida em almas mortas" (CHARTIER, 2014, p. 8), tornando a Literatura mais atraente para o leitor "comum", que não busca um saber científico, mas uma obra que represente determinado episódio, e pela qual, por consequência, possa obter alguma noção sobre os acontecimentos tratados no recorte temporal que a narrativa se propõe a apresentar, o que faz com que um romance acabe por atingir um público mais amplo do que o alcançado por uma obra historiográfica.

Esse "sopro de vida" proporcionado pela narrativa literária, mencionado por Chartier (2014, p. 8), não procura representar apenas aquilo que comprovadamente aconteceu, visto que cabe à História o caráter científico de buscar a "realidade", mas também desenrolar-se sobre aquilo que poderia ter acontecido, resgatando, desta forma, o "real" ausente. À vista disso, não é intuito da Literatura postular uma verdade absoluta, pois seu princípio ficcional age "por sua condição de como se", sem ter a pretensão de "ser a última palavra" (LIMA, 2006, p. 21). Cabe ressaltar ainda que essa liberdade criativa conferida ao romancista e a condição de "como se" da Literatura não diminui a importância da narrativa ficcional, em vista de que:

> [A] 'realidade' não é uma referência objetiva externa do discurso, mas é sempre construída na e pela linguagem. Essa perspectiva afirma que os interesses sociais nunca são uma realidade 'pré-existente', mas sim sempre o resultado de uma construção simbólica e linguística, e considera que toda a prática, seja qual for, se situa necessariamente na ordem do discurso (CHARTIER, 2016, p. 47-48).

Seguindo esse raciocínio, Chartier (2014, p. 8) explica também que "os historiadores têm tomado consciência de que não possuem o monopólio de representar o passado e de que sua presença pode ser estabelecida por relações com a história infinitamente mais poderosas que seus escritos". Antes mesmo do século XVIII, surgem obras em que "a ressurreição dos mortos assumia um significado mais literal quando certos gêneros buscavam aproximar-se do passado. Isto acontecia com inspiração no épico, com o detalhe narrativo e descritivo do romance histórico" (CHARTIER, 2014,

p. 8). E foi principalmente a partir desse último gênero citado que, ainda segundo Chartier (2014, p. 8), obras de ficção passaram a dar ao passado uma presença que com frequência era mais intensa do que aquela que os livros de História podiam fornecer, já que elas apresentavam um mundo mais completo e acessível, justamente pelo fato de não ficarem limitadas às fontes históricas.

A teoria do romance histórico moderno, por sua vez, foi sistematizada por György Lukács, e publicada em seu livro intitulado *O romance histórico*, em 1937. Neste ensaio de natureza teórica, Lukács (2011) reflete acerca da grande literatura que representa a completude da história, apresentando uma teoria descritiva na qual demonstra o momento de encontro entre o sentido e a experiência, mediante o qual foi possível à filosofia entender a interação existente entre o espírito histórico e a literatura que representa a totalidade histórica.

Estudando o romance histórico de modo materialista, a partir de uma visão de cunho ideológico, Lukács analisa-o enquanto "manifestação de resistência à autoridade e ao discurso monólogo do poder". Assim, o autor (LUKÁCS, 2011, p. 29) examina a "interação do desenvolvimento econômico e social com a visão de mundo e a forma artística que se engendram a partir desse desenvolvimento", priorizando o tempo que muda de maneira abrupta, impactando diretamente sobre os indivíduos e suas vivências, ao invés do tempo que simplesmente passa, deixando os indivíduos inertes perante a sociedade e seus acontecimentos.

A ferro e fogo, que, devido ao alto grau de historicidade nele contido, pode ser lido como obra histórica, possibilita ao leitor não apenas a construção de significados para um real ausente, mas também a reinterpretação proporcionada pela história tradicional dos eventos, a reformulação das personagens históricas e a ressignificação do espaço, colaborando de maneira efetiva para a construção da memória histórica sobre os povos germânicos em solo gaúcho, assim como para os eventos em que direta ou indiretamente participaram, uma vez que temos representado em *Tempo de Solidão* o drama vivido pelos imigrantes alemães desde sua chegada à Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, passado por conflitos como a Guerra da Cisplatina e a Guerra Farroupilha, e em *Tempo de Guerra*, como veremos aqui, a Guerra do Paraguai, e o início do que viria a ser a revolta dos *mucker*.

Essa historicidade buscada pelos romancistas, ligada diretamente à temporalidade da obra literária, é um assunto que, como atenta Chartier (2014, p. 214), fez com que historiadores interessados pela poética da narração buscassem suporte na obra *Tempo e narrativa*, de Paul Ricoeur, a qual

aborda as relações comuns existentes entre as estruturas narrativas que compõem tanto a ficção quanto a história. Em *Tempo e narrativa*, Ricoeur articula sua análise em três momentos da *mímesis*, denominando-as *mímesis* I, *mímesis* II e *mímesis* III.

A *mímesis* I diz respeito a uma pré-compreensão do agir humano. Essa pré-compreensão, comum ao escritor e ao seu leitor, delineia a construção da intriga por meio da mimética textual, enraizada na experiência temporal da pré-compreensão do mundo das ações, "de suas estruturas inteligíveis, de seus recursos simbólicos e de seu caráter temporal" (RICOEUR, 2010a, p. 96).

Já a mímesis II caracteriza-se por configurar o processo concreto da composição textual mediadora entre a prefiguração do campo prático e a refiguração dada pela recepção da obra. Constitui o eixo da análise da teoria de Ricoeur por justamente possuir a função de corte, abrindo o mundo da composição poética – do "como se" – e instituindo "a literariedade da obra literária" (RICOEUR, 2010a, p. 94). Esse processo ocorre por intermédio da operação de configuração, ou, em outros termos, por meio da construção da intriga, uma vez que esta exerce, dentro de seu próprio campo textual, a função de integração e, graças ao seu dinamismo de mediação, essa função lhe permite exercer, mesmo fora de seu campo, a intermediação entre "a pré-compreensão e [...] a pós-compreensão da ordem da ação e de seus aspectos temporais" (RICOEUR, 2010a, p. 114).

Por último, a *mímesis* III refere-se ao momento em que a narrativa atinge seu sentido pleno, e é reintroduzida ao tempo do agir e do padecer, finalizando, assim, o percurso mimético. Esse estágio da *mímesis* é caracterizado pelo encontro entre o mundo do texto literário e o mundo do leitor, ou, como explica Ricoeur (2010a, p. 123), é "a intersecção entre o mundo configurado pelo poema e o mundo no qual a ação efetiva se desdobra e desdobra sua temporalidade específica".

Assim, por intermédio da *mímesis* I, da *mímesis* II e da *mímesis* III, temos uma dialética entre a aporética e a poética da temporalidade, que culmina na relação entre tempo e narrativa. O ato de leitura é o condutor da capacidade que a intriga possui de modelizar a experiência, articulando-se ao dinamismo próprio do ato configurante, prolongando-o e conduzindo-o ao seu termo. Temos também, por intermédio da leitura, a refiguração da experiência temporal por meio da composição da intriga, marcando a entrada da obra tanto no campo da comunicação quanto no da experiência. No campo da comunicação, um mundo se projeta ao leitor, o qual o recebe conforme sua própria capacidade de acolhimento. Já no campo da referência, o leitor recebe não apenas o sentido da obra, mas, por intermédio deste,

a experiência que a narrativa traz para a linguagem, juntamente ao mundo e à temporalidade contidos nela.

Desse modo, elaboramos um estudo que demonstra a correspondência entre o romance *A Ferro e Fogo* e algumas das obras historiográficas utilizadas por Josué Guimarães para a sua empreitada, mais especificamente, *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*, do historiador francês Jean Roche, e História do Rio Grande do Sul, de Danilo Lazzarotto. Nossa crença de que ambas as obras historiográficas citadas tenham sido utilizadas na composição de *A Ferro e Fogo* não se faz apenas pela similaridade delas com o romance, como buscamos apresentar no decorrer do artigo, nem tão somente devido às suas presenças nos espólios do romancista que compõem o Acervo Literário Josué Guimarães, localizado na Universidade de Passo Fundo, mas sobretudo pela existência de diversos rastros como marcações e sublinhados presentes nos exemplares da biblioteca que pertenceu ao autor. Dito isso, tal trabalho foi desenvolvido por meio de uma análise comparativa entre a ficção e as suas fontes, de modo a expor, por meio da confrontação, os trechos da representação fictícia criada pelo autor e as possíveis passagens que serviram, de algum modo, para a sua elaboração, tentando captar a interpretação do literato frente ao evento.

1 A participação dos imigrantes alemães e seus descendentes na Guerra do Paraguai

Se Josué Guimarães inicia *Tempo de Solidão* com um importante marco na história do Rio Grande do Sul, que é a chegada dos primeiros imigrantes alemães à então província de São Pedro, em 1824, o autor também finaliza *Tempo de Guerra* com outro evento de tal magnitude, ou seja, a Guerra do Paraguai.

A Guerra do Paraguai ocorreu entre os anos de 1864 e 1870, colocando de um lado da disputa a Tríplice Aliança, formada por Brasil, Argentina e Uruguai, e, de outro, o Paraguai. Um dos principais motivos para a eclosão do conflito está ligado, como aponta Zevallos (1995, p. 264), ao modelo econômico adotado pelo Paraguai, que buscava o seu desenvolvimento de modo autônomo, a partir de forças internas, fechando-se para o mercado exterior e, consequentemente, ficando fora da zona de influência das grandes potências capitalistas da época. Além disso, em virtude desse sistema, o autor argumenta ainda que o país não havia solicitado, até aquele momento, qualquer tipo de empréstimo ao exterior, algo que ia completamente na contramão de seus vizinhos de economia aberta, e incomodava potências credoras como a Inglaterra, que pressionava, sobretudo, o Brasil para que alguma atitude fosse tomada frente à postura de seu vizinho.

Não entraremos no mérito das discussões acerca de até que ponto a potência saxônica, que "oficialmente foi neutra" (Smith, 1979, p. 226), influenciou e o nível de responsabilidade que teve na deflagração do conflito, pois esse não é o foco de nossa discussão. Todavia, além de a Inglaterra ter participado ativamente no processo de organização do acordo que culminou na formação da Tríplice Aliança (Galeano, 1973, p. 210), também foi quem lucrou com o financiamento do conflito, fornecendo grandes montantes em forma de empréstimos ao Brasil, à Argentina e ao Uruguai, ao mesmo tempo em que virou as costas ao Paraguai, negando qualquer tipo de auxílio financeiro durante a guerra, além de ser notório que o ministro britânico em Buenos Aires, Edward Thornton, participou de forma ativa do conflito, chegando a ocupar o posto de assessor do governo da Argentina (Zevallos, 1995, p. 264-265).

Dessa maneira, com a influência de forças externas, várias medidas passaram a ser implantadas, não apenas pelo Brasil, mas também pelos países platinos pró-Inglaterra, das quais a mais impactante foi, sem dúvida alguma, "o bloqueio naval do Rio da Prata pela Marinha Real em meados da década de 1840" (Bethell, 1995, p. 276), resultando no corte do único acesso que os paraguaios possuíam ao mar. Diante de tal atitude drástica, Solano López não vê outra alternativa para a sobrevivência de seu país a não ser entrar em guerra aberta contra as nações responsáveis pelo entrave na via fluvial.

As tensões iniciaram com o aprisionamento, no porto de Assunção, do presidente da província de Mato Grosso, Frederico Carneiro de Campos, posteriormente morto no cárcere, e do vapor brasileiro que o transportava, em 11 de novembro de 1864. Seis semanas após o ocorrido, sob ordens de Solano López, o exército paraguaio invade o território brasileiro pelo sul da Província de Mato Grosso.

Após esse último movimento, o conflito propriamente dito se deflagra, resultando, segundo Mota (1995, p. 244), em um desastre econômico e demográfico para o Paraguai, em que aproximadamente 80% da população masculina jovem foi morta durante o período do confronto bélico, seja em combate, por fome ou pelas inúmeras doenças que assolaram os soldados. Ainda segundo esse autor, essa guerra, devido à sua proporção, pode ser considerada "a mais sangrenta do século XIX", em vista de que foi responsável por proporcionar "uma chacina em larga escala, uma hecatombe demográfica, um genocídio, inclusive no final, com o que restou do exército paraguaio cheio de crianças, um cataclisma que desequilibrou o Império".

Dito isso, iniciamos a nossa análise do conflito partindo das obras historiográficas que serão utilizadas para confrontar com a narrativa de

A Ferro e Fogo. Ao analisarmos o catálogo de livros pertencentes ao Acervo Literário de Josué Guimarães, localizado na Universidade de Passo Fundo, encontramos um número limitado de obras que abordam a Guerra do Paraguai. Entre as selecionadas para o nosso estudo, trazemos *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*, do historiador francês Jean Roche, da qual tivemos acesso ao tomo que pertencera ao romancista e, consequentemente, às suas anotações, e a obra Viagem Militar ao Rio Grande do Sul, de Conde Gaston d'Orleans d'Eu, que, mesmo sem termos acessado ao exemplar que pertencera ao autor, pudemos localizar várias passagens que correspondem com o romance.

Embora esse último título não seja uma obra historiográfica propriamente dita, uma vez que o livro configura-se como uma espécie de diário de viagem, em que o nobre registra suas impressões sobre o conflito, assim como os episódios que presenciou, na companhia da comitiva do Imperador D. Pedro II, sobretudo durante o Cerco de Uruguaiana, essa produção, por sua relevância como relato, acabou servindo como fonte para diversos trabalhos no campo da História, e, dessa forma, decidimos empregá-lo em nossa análise, em vista de que se configura como um importante documento histórico.

No que diz respeito às informações contidas nas obras por nós analisadas, utilizadas por Josué Guimarães para compor a narrativa da Guerra do Paraguai em Tempo de Guerra, encontramos em Roche (1969, p. 19) a informação de que a campanha militar terrestre iniciou quando "um corpo do exército paraguaio invadiu o Oeste do Rio Grande e apoderou-se de São Borja, a 10 de julho de 1865, de Itaqui, a 17 de julho, de Uruguaiana, a 5 de agosto".

Acerca desse primeiro movimento, Conde d'Eu narra, em *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul*, que logo após a sua chegada à cidade de Rio Grande, recebeu a notícia, trazida por um comandante do exército, de que:

> [O]s paraguaios, saindo do seu país, atravessaram, sem disparar um tiro, a província argentina de Corrientes; em seguida passaram Uruguai na parte superior do seu curso e penetraram na província brasileira do Rio Grande do Sul, apoderando-se das vilas de São Borja e Itaquí, situadas na margem esquerda do Uruguai, e, descendo ao longo desta margem, mostraram intenção evidente de se dirigir para o Estado Oriental, onde contam amigos (D'EU, 1936, p. 29-30).

Tal ação, complementa o nobre, acabou deixando Uruguaiana e Alegrete expostas a ataques inimigos. Porém, naquele setor, operavam dois corpos do Exército Brasileiro, comandados pelos generais Caldwell e Cana-

barro, além de poderem também contar com as tropas de Flores, que estavam estacionadas não muito distante dali, na margem direita do Uruguai, de frente para Uruguaiana. Dessa forma, acreditava ele, as intenções dos paraguaios logo seriam frustradas. Todavia, pouco tempo depois, o Conde recebe "a desagradável notícia de ter o inimigo entrado em Uruguaiana" (D'Eu, 1936, p. 52).

Em *A Ferro e Fogo*, Josué Guimarães parte do mesmo acontecimento que as obras anteriormente citadas, ou seja, a invasão das cidades sul-rio-grandenses de São Borja e Itaqui. Como ocorreu durante toda a representação da Guerra Farroupilha, o romancista mais uma vez vale-se de Philipp para abordar o evento, o qual passa a ser, nesse momento, uma espécie de representante não apenas do grupo teuto presente no conflito, mas de um modo geral dos soldados brasileiros da Tríplice Aliança, em vista de que será por meio das suas experiências que o conflito será apresentado ao leitor.

Sendo assim, após um lapso de tempo transcorrido entre um ferimento sofrido por Philipp, durante aquela que seria uma das últimas batalhas da Guerra Farroupilha, em 1845, no Passo do Leão, e outro durante a invasão paraguaia de São Borja, em 1865, a narrativa passa a apresentar um Philipp não mais garoto, e soldado raso, mas um homem feito, com quarenta e seis anos, ocupando a patente de tenente.

Ao acordar desnorteado, acreditando ainda estar combatendo contra os imperiais, Philipp pergunta a alguém que está próximo, tomando conta dele, o que estava acontecendo. O soldado se apresenta como sendo Ziedler, e informa que "Estigarribia chegara de surpresa, a praça de São Borja caíra, mas o Coronel Menna Barreto ainda tivera tempo de evacuar seus homens, não havia como resistir" (Guimarães, 2008, p. 150).[2]

Essas informações repassadas por Ziedler acerca da evacuação vão ao encontro, mesmo que resumidas, do relato apresentado por Conde d'Eu, de onde, pelo contexto, provavelmente Josué Guimarães tenha se apropriado dos elementos históricos para a sua narrativa. Nesta passagem, o nobre busca justificar como correta a estratégia de retirada do exército brasileiro, argumentando que:

> [A] 10 de Junho, quando os paraguaios começaram a atravessar o rio, a única guarnição que havia em S. Borja era um destacamento de cerca de 100 homens, da Guarda Nacional a pé. Eram os paraguaios, como se sabe, cerca de 6.000 e traziam cinco peças de artilharia; contudo aqueles 100 ho-

2 A partir das próximas páginas, devido à grande quantidade de citações de *A ferro e fogo: tempo de guerra*, indicaremos apenas o ano da edição, 2008, e o número da página.

> mens dirigiram-se para o rio e dispararam alguns tiros de espingarda sobre os barcos inimigos. Eram 20 barcos, que tinham vindo do Paraguai em carros de bois, [...] cabendo em cada um 25 homens. Eram, portanto, 500 paraguaios que passavam de cada vez [...]. Mesmo admitindo-se que 100 homens tivessem podido deter uma destas colunas, de que serviria isso, se teriam de ser logo envolvidos pelas outras? Tentaram-no os nossos, todavia, e iam ser esmagados pelas colunas inimigas convergentes [...]. A vista desta cavalaria suspendeu a ação dos tímidos inimigos. Pôde a infantaria unir-se de novo e, apoiando-se uma sobre a outra, infantaria e cavalaria foram-se retirando em boa ordem para a cidade. Entretanto o 1.º batalhão de Voluntários, da força de 600 homens, que se dirigia para São Borja, e apressara a marcha ao receber notícia do perigo, chegou aquele sítio, com o muito digno coronel João Manoel Menna Barreto. Tomou o coronel o comando de toda força e fez desenvolver Voluntarias e Guarda Nacional e marchar toda a linha contra o inimigo, que, por sua parte, novamente avançava. Porém, dada e recebida uma descarga, reconheceu o coronel a superioridade numérica do inimigo e, ordenando a retirada, levou todas as tropas para a vila, onde mandou tocar as músicas todo o dia (D'EU, 1936, p. 175-176).

A Prosseguindo na narrativa romanesca, tais informações ressurgem quando Philipp, aos poucos, começa a recobrar a consciência, e os fatos retornam à sua mente de forma fragmentada e desconexa, com "os paraguaios invadindo São Borja, levas de milhares e milhares, a fuga desordenada a princípio, os últimos combates na retaguarda, o ferimento inesperado – ligava umas coisas às outras, estavam na guerra contra os paraguaios" (2008, p. 150). Ainda tentando assimilar aquilo que ocorrera, pergunta a Ziedler se muitos haviam morrido, e este informa que "nenhum homem, eles se preocuparam mais no saque do que no inimigo." (2008, p. 150). Tal questão, referente à pilhagem efetuada pelas tropas paraguaias, como ainda veremos mais adiante, é levantada por Josué Guimarães em diversas oportunidades no decorrer de *A Ferro e Fogo* e ressurge novamente logo nas páginas seguintes com Gründling, que agora se encontra engajado no exército imperial, com funções relacionadas à logística e ao abastecimento das tropas no *front*. Ao encontrar o tenente Schneider, Gründling logo condena as ações de Estigarribia, praguejando que "esse porco saqueou a praça de São Borja" (2008, p. 153).

No que tange ao referencial historiográfico utilizado pelo romancista para figurar o *modus operandi* do exército paraguaio, acreditamos que

ele mais uma vez valeu-se da obra *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul*, onde Conde d'Eu expõe que:

> Lopez dera ordem para serem saqueados os bens dos brasileiros e também de todos os indivíduos que, embora não fossem brasileiros, não estivessem presentes; porque, dizia ele, se tinham fugido da invasão, tinham se colocado, por este fato, debaixo da proteção do exército brasileiro e tinham feito causa comum com ele (D'EU, 1936, p. 171).

Além disso, o nobre complementa ainda que "em conformidade com estas instruções, [...] em São Borja [...] se dera aos soldados paraguaios certo tempo para o saque; e passado este, fora o resto dos objetos, a que os invasores podiam deitar mão, ajuntado por Estigarribia e enviado a López" (D'Eu, 1936, p. 171).

Por meio da mesma fala de Gründling, citada anteriormente, que ao finalizar a questão da retirada forçada de São Borja e do saque ainda braveja que os paraguaios "vêm logo depois e nos correm de Itaqui, como se a gente fosse índio como eles" (2008, p. 153), podemos também notar os preconceitos e a visão de parte dos soldados imperiais acerca da possível origem étnica das tropas de Solano López. Sobre essa questão, Conde d'Eu explica que, apesar da noção "tão geralmente divulgada, de ser o Paraguai uma nação puramente de raça indígena", ele pôde observar, especialmente durante o Cerco de Uruguaiana, que "há homens de raça branca, como os há de raça indígena; porém na maioria são de raça mestiça" (D'Eu, 1936, p. 155). Assim, apesar de Gründling apresentar um pensamento que é, segundo o nobre, o recorrente da época, tal visão acaba por não condizer com a real composição das forças invasoras.

Seguindo cronologicamente no evento, Roche (1969, p. 19) explica que após as forças paraguaias atingirem Uruguaiana, ficaram impedidas de "agir em ligação com o partido *blanco* uruguaio", sendo obrigadas a estacionar na cidade que, pouco tempo depois, foi cercada "pelos Aliados, na realidade, pelos rio-grandenses".

Sobre esses movimentos, Conde d'Eu (1936, p. 72) registra que "os corpos do exército de Flores e do general argentino Paunero bateram e aniquilaram, nas alturas de Uruguaiana, os paraguaios da margem direita", enquanto os "da margem esquerda, não saíram de Uruguaiana, e o general Canabarro está encarregado de vigiá-los a uma légua de distância", impedindo-os de deixarem a cidade. Com a chegada de mais tropas, continua o nobre (D'Eu, 1936, p. 119), o contingente passa a acampar ao redor da cidade, guarnecendo algumas posições e formando, finalmente, o cerco.

Encontramos em *A Ferro e Fogo* a representação do dia a dia do Cerco de Uruguaiana muito bem detalhada, sendo, talvez, o momento do conflito em que Josué Guimarães mais inseriu elementos historiográficos para a representação do evento. Dessa forma, a narrativa romanesca dá conta de que, ainda ferido, Philipp se recupera junto ao seu destacamento, agora estacionado com o restante do contingente das tropas da Tríplice Aliança, nos arredores de Uruguaiana.

Certo dia, enquanto fazia exercícios, Philipp nota uma movimentação atípica no acampamento, com um grande conglomerado de pessoas se movimentando rapidamente. Curioso, questiona Gründling sobre "quem estava chegando com tanta segurança e tanto aparato", e o comerciante lhe informa que "os homens do 16º Corpo de Voluntários da Pátria podem e devem sentir-se orgulhosos: está chegando o Imperador D. Pedro II e com ele sua comitiva", da qual fazia parte, além do monarca, "o Barão de Porto Alegre, o General Caldwell [...], o Visconde de Tamandaré", e também os comandantes das forças aliadas "Flores e Mitre" (2008, p. 173).

No que concerne a este episódio, possivelmente inspirado pela *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul*, Conde d'Eu (1936, p. 138) narra que "ao meio-dia o imperador monta a cavalo para ir fazer a visita, tantas vezes adiada", e que apesar dos "chefes aliados só receberam o aviso com alguns momentos de antecedência", gerando, de início, certo tumulto e "lamentações intermináveis", pois o "exército não tivera tempo de se formar numa única linha, como devia ter feito, podendo somente formar-se cada corpo diante das suas barracas". Ao final da inspeção, "parecia que tinha havido tempo suficiente para se assentar a hora exata dessa solenidade", pois conforme se espalhava a notícia, os outros destacamentos iam se perfilando à espera de tão ilustre presença. Neste episódio, além das tropas brasileiras, o monarca também percorreu as tropas argentinas de Mitre e as uruguaias de Flores.

Outra situação recorrentemente encontrada no romance diz respeito ao longo período de espera, e à respectiva ansiedade das tropas da Tríplice Aliança para entrar em combate, furar o cerco, e desalojar os paraguaios de Uruguaiana. A primeira menção acerca dessa questão pode ser encontrada no diálogo entre von der Oye e Gründling, onde o primeiro reclama, ao ver o imperador e as outras autoridades confraternizando, que

> [T]anto aperto de mão, tantas apresentações, mas ninguém nos diz quando vamos atacar esses paraguaios que se encastelaram em Uruguaiana, que adianta plantar barraca aqui desta distância, ficar olhando o inimigo através dos binóculos? Ou eles aqui não sabem que aquela gente só sai de lá debaixo de bala e de carga de cavalaria? (2008, p. 173-174).

Ao vê-lo irritado, o comerciante pede que ele tenha calma, argumentando que "eles estavam lá embaixo consumindo toda a comida e mesmo que ninguém atacasse terminavam por hastear uma bandeira branca", argumentando ainda que não era para se preocupar, pois além da questão dos mantimentos, "somos mais de quinze mil homens. E mando cortar esta mão se eles têm lá dentro mais do que cinco ou seis mil" (2008, p. 174).

Além do teor referente à tensão dos soldados afoitos pelo combate, também chamam atenção, nesta passagem, os números apresentados por meio da fala de Gründling, visto que eles condizem com os apresentados por Conde d'Eu, o qual informa, em seu relato, que, com a chegada dos reforços, "as tropas atualmente acampadas em frente de Uruguaiana sobem, na totalidade, a uns 15.000 homens" (1936, p. 119), enquanto "eram os paraguaios, como se sabe, cerca de 6.000" (1936, p. 175).

Mais adiante na narrativa, é Gründling quem demonstra ansiedade pelo momento de avançar, dizendo que "o imperador chegou, as tropas estão prontas, temos três vezes mais soldados que eles lá em Uruguaiana e estou a apostar que ainda esta noite se receba ordens para atacar" (2008, p. 175). Todavia, o pressentimento do comerciante não estava certo, visto que também não foi nessa ocasião que os soldados foram postos em marcha contra o inimigo sitiado.

Philipp, como era de se esperar, também demonstra essa tensão, como podemos observar quando, ao ouvir do médico Grave que tinha novidades para ele, logo antecipa-se a sua fala, dizendo, ansioso, "o ataque é esta madrugada", e ao ouvir a negativa, exclama irritado, "merda, [...] já estamos há um mês aqui cercando essa gente, somos mais do dobro do que todos eles somados e ainda estão com medo de retomar Uruguaiana. Esta é que é a verdade" (2008, p. 175).

Essa situação incomoda as tropas, que convivem com a ansiedade pelo ataque iminente, e que, na obra romanesca, faz parte da "construção objetiva do mundo exterior" e "da revelação dos mecanismos sociais e psicológicos que regem as alegrias e as tragédias dos seres" (GONZAGA, 1988, p. 17), pode ser encontrada em diversas ocasiões nos relatos de Conde d'Eu, o qual testemunha ter percebido, constantemente, enquanto passava pelas barracas, que elas estavam quase sempre vazias, pois "cada comandante fazia exercitarem-se os seus soldados dentro do acampamento, porque bem sabiam todos ser provável que o dia seguinte viesse o princípio do fim". Entretanto, sempre algum empecilho surgia, como por exemplo, quando, após ter sido marcado o ataque para a manhã do dia seguinte, "chega um oficial argentino a galope e entrega uma carta ao barão de Porto Alegre", na qual "o general Paunero solicita mais 24 horas de adiamento!" (1936, p. 143).

Interessante atentarmos para essa solicitação do comandante argentino, pois na narrativa de *A ferro e fogo* ela se faz presente na fala do médico Grave, que ao ouvir Philipp e os outros soldados do regimento reclamarem da demora das autoridades imperiais para organizarem o ataque, algo que, para eles, estava começando a soar como covardia, esse esclarece que "não são os brasileiros que estão com medo, mas os castelhanos. O General Paunero se desculpou dizendo que os seus soldados precisavam proceder à limpeza das armas". Indignado, ainda complementa: "Imaginem vocês, limpar armas agora, às portas da cidade, esses paraguaios a tremerem lá dentro como varas verdes, cercados por todos os lados e até por água, Tamandaré fazendo os seus barcos passearem para lá e para cá. É o cúmulo" (2008, p. 181).

Diante dessa situação, Philipp, ansioso e cansado de esperar, elabora um plano para pôr em prática com seus companheiros. Supondo ser por falta de informações que dessem conta da real situação dos paraguaios e acreditando que os comandantes julgavam os adversários ainda muito fortes dentro da cidade sitiada, o tenente Schneider resolve organizar uma patrulha para adentrar nas linhas inimigas, coletar informações concretas que pudessem colocar um ponto final na situação de indecisão e incentivar o ataque.

Ao finalizar os preparativos, Philipp e seus companheiros seguem durante a madrugada do acampamento onde estavam alojados em direção a Uruguaiana, e chegando próximo do muro da cidade, o tenente Schneider informa que "à direita fica a mureta do cemitério, é onde eles devem ter a guarda mais frouxa" (2008, p. 187), indicando o local para a entrada da patrulha. O plano não sai como esperado, e o grupo de teutos acaba sendo descoberto e capturado pelos inimigos; todavia, não é essa a questão que nos interessa aqui, mas sim o fato de que o romancista leva para sua narrativa, na intenção de enriquecê-la de historicidade, além da posição ocupada pelos soldados germânicos no campo de batalha, que em pouco tempo chegaram ao cemitério da localidade, também o ponto mais desguarnecido da cidade, conforme pode ser confirmado segundo os apontamentos feitos por Conde d'Eu, que registra em seu livro que "o exército de Porto Alegre ocupa a direita e tem atrás de si o famoso cemitério, que, ao contrário do que era de esperar, não entrou no sistema de defesa do inimigo" (D'EU, 1936, p. 149). Cabe ressaltar ainda que tal informação, que expõe a falta de defesa no cemitério, surge no relato do nobre pelo menos em quatro ocasiões.

Já sobre a real motivação para que o ataque acontecesse, Conde d'Eu (1936, p. 144, 145) explica que foi acordado certa noite por seu criado, o qual o informa que algo de estranho estava acontecendo no acampamento. Ao

sair da barraca, o nobre encontra-se com o imperador, que o informa que "os inimigos tinham posto fogo na cidade e tentavam passar o rio; e que se tinham mandado avisar Flores e Tamandaré". Porém, tal informação havia sido passada por um desertor paraguaio, que assim como tantos outros, conforme esclarece o nobre, "nunca se tira nada de positivo", tendo em vista que "o terror que os domina oprime-lhes a pouca inteligência que possuem e fá-los responder afirmativamente a tudo que se lhes pergunta", fazendo com que, dessa forma, um simples incêndio acidental em uma barraca de bambu fosse reportado aos seus interrogadores como uma tentativa de fuga em massa dos soldados de Estigarribia, uma vez que era esse o plano que estava sendo articulado pelos sitiados.

Dada tal informação, mesmo sendo remota a possibilidade de fuga dos paraguaios que, caso ocorresse, poderiam descer o rio e juntar-se aos remanescentes do *Partido Blanco*, resultando, além do acréscimo de soldados ao contingente dos paraguaios, também no ressurgimento do conflito civil no Uruguai, os comandantes da Tríplice Aliança, percebendo "já não [ser] possível adiar o ataque", em vista do plano revelado, decidem que o "exército se poria em movimento contra a cidade ao alvorecer, isto é, às 5 horas e meia" (D'EU, 1936, p. 146).

Desse modo, segundo o relato de Conde d'Eu (1936, p. 149, 150), às doze horas daquele mesmo dia todas as tropas aliadas já se encontravam posicionadas em frente à cidade, formando uma linha levemente côncava, com "o 16º Batalhão de Voluntários", que na ficção comporta as personagens criadas por Josué Guimarães, disposto junto a "três batalhões orientais", apenas esperando a ordem de seus comandantes para atacar, enquanto no outro lado, "os inimigos pareciam repartidos numa única fila por toda a extensão da trincheira, e o resto acumulado nos dois acampamentos do Norte e do Sul".

Nesse momento, antes de dar ordem para o avanço, o nobre (D'EU, 1936, p. 151, 152) narra que "enviou-se a Estigarribia um parlamentário, a propor-lhe, pela última vez, a rendição, dando-lhe um prazo de duas horas para responder". Ao contrário daquilo que todos imaginavam, desta vez o líder paraguaio considerou o pedido, enviando, uma hora depois, como contraproposta, algo que já havia sido acordado anteriormente, ou seja, que além de terem a vida preservada, "os oficiais conservassem as espadas e pudessem retirar-se para onde quisessem, ficando só as praças de *pret* prisioneiras de guerra", todavia, não concordando inteiramente com as solicitações paraguaias, o exército aliado exigia que "os oficias se entregassem sem armas com os soldados".

Porém, antes mesmo que o acordo pudesse ser concretizado formal-

mente, Conde d'Eu (1936, p. 152, 153) explica que, vendo o ministro encaminhando-se mais uma vez para a cidade no intuito de aceitar a rendição de Estigarribia, a cavalaria sul-rio-grandense, que nem sempre procede com disciplina, deixando-se levar pela curiosidade de ver de perto o famoso adversário, dispara em direção às posições inimigas, a despeito dos gritos de ordem do general Cabral. Os paraguaios, por seu turno, aterrorizados com a imagem do exército que se estendia diante deles e percebendo as intenções pacíficas com que a tropa se aproximava, ergueram-se das trincheiras e logo começaram a conversar com os cavalarianos: "Dali a pouco deitam fora as armas, saltam o parapeito e montam na garupa dos cavalos dos nossos soldados. Em todas as direções se vêm galopar cavaleiros rio-grandenses; cada um com um paraguaio na garupa". Desse modo, *La División Paraguaia en Operacioues sobre el Rio Uruguay* deixou de existir no dia 18 de setembro, exatamente 100 dias depois de invadir o território brasileiro, em 10 de junho.

Em *A ferro e fogo*, os movimentos que concomitaram com o fim do cerco de Uruguaiana são narrados por meio de Philipp e seus companheiros de patrulha, que, ao serem capturados pelos paraguaios no cemitério, são amarrados juntos em um grosso plátano sem folhas. No decorrer desse episódio, são constantes as situações em que elementos historiográficos surgem na narrativa, inclusive a data do evento, como é possível observar no diálogo entre Barth e Philipp, quando o primeiro pergunta "se estavam no dia 16 de setembro" e ouve como resposta do tenente "18" (2008, p. 190).

Durante a noite, a patrulha pode observar a situação miserável em que os paraguaios estavam, sem terem mais nada para comer (2008, p. 195), abatendo inclusive alguns cavalos velhos e magros, fato que também pode ser confirmado pelos registros historiográficos (D'EU, 1936, p. 155). Todavia, foi pela manhã, no momento em que se preparavam para serem executados, que puderam ter suas esperanças de sobreviver renovadas, quando notaram que "os soldados do pelotão de fuzilamento correram para ver a caminhada do seu comandante-em-chefe rumo às tropas inimigas", e ao olharem para o horizonte, "viram no alto da primeira coxilha a linha negra, agitada das suas tropas, batalhões iniciavam pelas pontas um avanço lento, as baterias chegavam ao alto puxadas por parelhas de cavalos, os quais eram logo desatrelados e seus homens tratavam lépidos de instalar as peças" (2008, p. 198). Neste momento, sentiram vontade de chorar de tanta alegria, mas não o fizeram por receio de que, ao serem resgatados por seus companheiros, tal ato pudesse se confundir com medo.

Ainda por meio dessa situação, podemos ver representada, no romance, a curiosa cena narrada por Conde d'Eu, quando Philipp e seus com-

panheiros presenciam "saltar o fosso os primeiros soldados, os paraguaios atiravam longe as suas armas e muitos deles, guindados pela mão de um cavaleiro, se aboletavam na garupa do inimigo e com ele desapareciam de volta, fugindo da cidade sitiada, em meio a gritos e ordens confusas" (2008, p. 198).

Tendo o cerco desse modo findado, Conde d'Eu (1936, p. 153-154) escreve que Estigarribia e o padre Duarte, abandonados pelos soldados, prontamente procuram o imperador para implorar por suas vidas. Segundo o nobre, Estigarribia indicava ter pouca inteligência, ao contrário do padre, "que era, ao que parece, a verdadeira cabeça dirigente da expedição, chamava-se Duarte; poderia ter 40 anos; vestia batina e chapéu redondo. É à sua iniciativa que todos os testemunhos atribuem as atrocidades cometidas em São Borja e em Itaquí". Quando chegou à presença do monarca, levado pelo general Cabral, foi aquele que mais se mostrou receoso e "terminou por pedir ao imperador proteção para mim *y la libertá de mi patria*", que foi, obviamente, pelo menos em parte, concedida pelo imperador. Todavia, neste momento, surge o padre Gay, que desde a manhã havia se juntado com os membros do estado maior imperial, e "lança-se a ele, ameaça-o com o chicote e inunda-o com uma torrente de injúrias; foi preciso que alguns militares separassem à força aqueles dois ministros de deus. Triste espetáculo!".

Tal passagem também se faz presente nas linhas de *A ferro e fogo* e surge em uma carta escrita por Gründling à Catarina, na qual, como veremos nas constantes situações a seguir, é inserida na narrativa romanesca quase como uma espécie de cópia dos relatos de Conde d'Eu, inclusive, no estilo e no vocabulário utilizado. Acerca do episódio analisado aqui, em tal correspondência narra-se que:

> Deus foi injuriado pela presença de um tal padre Duarte, um dos cabeças da expedição inimiga, que instigara o saque e os massacres nas praças de São Borja e de Itaqui e que, ao aproximar-se do imperador brasileiro, tratou de pedir, em prantos, que lhe fosse dada proteção a ele e ao seu país, esse um homem que só vinha praticando o mal em nome de Deus, e que o padre Gay, estando ao lado do Estado-Maior Imperial, revoltou-se com a presença e com o cinismo daquele sacerdote pecador, avançando sobre ele a proferir injúrias e até o ameaçando com um chicote, um espetáculo triste para a Igreja, dois ministros de Deus atracados como selvagens (2008, p. 200-201).

Após dar cabo de todas as situações imediatas, o imperador, junto a seus comandantes e aliados, passam a assistir ao desfile de seus inimigos

derrotados, oficiais e soldados, passando desarmados diante dos vencedores. Segundo Conde d'Eu, foi um espetáculo ridículo, devido ao estado lastimável em que os prisioneiros se encontravam. Além do mais:

> [C]ada um parecia levar os objetos, muitas vezes incômodos e sem valor algum, que tinham roubado em Uruguaiana. Alguns, é verdade, iam carregados com sacos ou caixas, cujo conteúdo não podíamos ver; mas outros contentavam-se com uma cafeteira de folha ou com uma enorme panela; um tinha posto como chiripá um xale de senhora; outro apertava nos braços um guarda-chuva; um terceiro levava uma sombrinha de seda branca, aberta; quase todos levavam ferros de ponta aguda, certamente arrancados das grades das janelas e destinados a assar o churrasco. Cada soldado de cavalaria levava cuidadosamente à cabeça todos os seus arreios (D'EU, 1936, p. 156).

Essa situação também encontra-se registrada na já mencionada carta de Gründling, onde o comerciante escreve que:

> [O]s soldados vencidos foram obrigados a desfilar perante os oficiais aliados e caminhavam um a um, como se não fossem soldados, mas mendigos, numa procissão que não acabava mais, todos eles carregando alguma coisa do saque, uma panela amassada, um pedaço de cadeira, uma porta de armário, uma gaveta de cômoda, peças de roupas de senhoras, pedaços de ferro arrancados das grades de janelas e de portões, outros levavam guarda-chuvas rotos, sombrinhas de seda, caixas e sacos, os soldados de cavalaria levavam sobre a cabeça todos os seus arreios (2008, p. 201).

Se a rendição ocorreu de modo pacífico, sem nenhuma baixa em combate em ambos os lados, um incidente trágico acabou marcando o dia, e chocando aqueles que o presenciaram. Sobre ele, Conde d'Eu narra que:

> [T]inham-se ajuntado as armas e munições dos paraguaios numa pequena casa de tijolo, e hoje estava um destacamento de prisioneiros a distribuí-los pelos exércitos aliados, sob a direção do coronel Magariños. Estavam a despejar-se as patronas, e dos cartuchos saía muita pólvora que ia caindo no chão. Por não sei que atrito, deu-se a explosão, que num instante incendiou toda aquela massa de cartuchos e destruiu parte do teto. Magariños, que estava à porta, foi arremessado ao chão, mas ficou apenas com a roupa chamusca-

> da; e dez pessoas ficaram mais ou menos queimadas. Duas morreram logo, quase calcinadas: eram um cadete e um soldado brasileiros. As outras oito foram: um capitão oriental, do estado-maior de Flores, um soldado brasileiro e seis paraguaios. Destas só se esperam salvar duas, que sofreram queimaduras parciais. Os outros infelizes encontram-se em horrível estado. Foi um dos mais dolorosos espetáculos que tenho visto o dessas cabeças inteiramente enegrecidas pelo fogo e cobertas de sangue e os gemidos inarticulados que soltavam os desgraçados enquanto os médicos os voltavam sobre o leito para lhes aplicar à roda do corpo o algodão e as ligaduras (1936, p. 163).

Essa passagem, que, como as outras, é citada quase em sua totalidade para podermos comparar a sua similaridade com a narrativa do romance, também pode ser encontrada na já mencionada carta enviada por Gründling à Catarina. Nela, o comerciante narra que:

> [N]ão havendo feridos de combate, muitos saíram queimados pela explosão de um paiol deixado pelos paraguaios, pois ao despejar-se as patronas caía dos cartuchos muita pólvora que, por qualquer atrito inesperado, incendiou-se, explodindo o resto de munição. Dez homens ficaram com queimaduras muito feias, dois morreram logo, calcinados. Foi um espetáculo terrível e que causou horror mesmo aos homens mais acostumados à guerra, pois os feridos tinham as cabeças deformadas e gritavam de dor sem parar, enquanto os médicos tentavam aplicar algodão e ligaduras em volta das chagas (2008, p. 202).

Um último exemplo acerca da semelhança entre a obra de Conde d'Eu e a carta de Gründling surge no romance no momento em que o imperador, finalmente, adentra a cidade. Sobre esse episódio, o nobre explica não saber se "Uruguaiana alguma vez chegou a ser uma bela cidade; depois que por lá passou a invasão paraguaia, é uma cidade cheia de ruínas" (D'EU, 1936, p. 158), com móveis e objetos espalhados por toda parte, não tendo sobrado nenhuma casa sem que tenha sido deixada de ser saqueada e destruída. Dos locais visitados pela comitiva do monarca, o primeiro foi "a igreja, onde os inimigos, segundo se diz, tinham estabelecido o quartel-general. Como a igreja estava por acabar, não puderam fazer deteriorações", estando lá ainda instalados "uma cama, com um oficial doente" (D'EU, 1936, p. 158). Foi nesse local que mais tarde os oficiais se juntaram para assistir "a uma missa e a um *Te Deum*, que se celebraram no quartel Imperial. Disse a missa o pároco de Itaquí com os paramentos que se encontraram na bagagem do

capelão paraguaio" (D'EU, 1936, p. 162). Nesta ocasião, o nobre complementa: "a música do *Niterói*, que o Visconde passara para o *Onze de Junho*, tocou os hinos nacional, argentino e oriental" (D'EU, 1936, p. 162).

Ao saírem da igreja para analisar o modo com que os paraguaios procederam na fortificação da cidade, perceberam que eles haviam reforçado algumas ruas e praças com estruturas muito rudimentares, e construído uma trincheira feita com "revestimento vertical de tábuas, ou de tijolo sem argamassa", com um fosso de cerca de um metro de largura, e outro tanto de profundidade. Porém, aquilo que mais chamou a atenção da comitiva foram os cinco canhões de artilharia distribuídos em pontos diferentes das posições defensivas, pois essas peças, além de inferiores às utilizadas pelas forças aliadas, eram consideravelmente antigas, sendo "uma delas, um canhão de 8, tinha sido fundida em Barcelona em 1788, outra em Douai em 1790 e outra em Sevilha em 1679", todas possuindo reparos, que "por sua construção, pareciam do tempo das peças" (D'EU, 1936, p. 160). Como última informação trazida por Conde d'Eu acerca desse dia, está a chegada do vapor de guerra *Tramandahí*, o qual trouxe, em seu bojo, "muitos médicos, medicamentos e material para os hospitais" (D'EU, 1936, p. 162), algo que foi essencial para o atendimento das vítimas da explosão do paiol.

Naquilo que diz respeito à representação dos acontecimentos desse dia no romance, temos na carta de Gründling que a comitiva do monarca brasileiro encontrara "Uruguaiana arrasada, [...] as casas saqueadas e que o único lugar onde foi possível receber o imperador, a igreja em construção, tinha lá dentro doentes esperando a morte, mas mesmo assim foi rezada uma missa pela vitória" (2008, p. 200), e, mais tarde, neste mesmo local, "houve um *Te Deum* rezado pelo pároco de Itaqui que, como não tinha paramentos, terminou usando os que havia encontrado na mala do padre paraguaio; a banda de música do Niterói, que o Visconde passara para o Onze de Junho, executou [...] os hinos dos três países aliados" (2008, p. 202).

O comerciante alemão também narra a fortificação da cidade, explicando que os paraguaios "haviam cavado em torno dela uma comprida trincheira muito primária, sustentada a terra por tábuas velhas e tijolos sem argamassa", e surpreso, informa que o inimigo possuía "só cinco peças de artilharia, se é que se pudesse chamar aquilo por esse nome, [...] canhões de 8, um deles fundido em Barcelona no ano de 1788, outro em Douai, em 1790, outro em Sevilha, no ano de 1679", possuindo "reparos, pelo que se observou, [...] feitos naquelas mesmas épocas remotas" (2008, p. 202). Finalizando a questão, Gründling informa que, devido à grande explosão do paiol e os diversos feridos, a melhor notícia do dia ficou por conta da "chegada, [...] do vapor de guerra *Tramandaí* trazendo muitos médicos, remédios e

material para o serviço dos hospitais de campanha" (2008, p. 202).

Assim, diante dos diversos exemplos apresentados até aqui, e mais nitidamente por meio da carta fictícia de Gründling, podemos notar não apenas o minucioso trabalho de pesquisa elaborado por Josué Guimarães, mas também a exaustiva utilização da obra V*iagem militar ao Rio Grande do Sul* por parte do autor para a construção dos diversos episódios que ocorreram no recorte temporal situado entre a invasão das cidades sul-rio-grandenses até o momento da rendição dos paraguaios, após o cerco de Uruguaiana.

O principal fator que acreditamos ter colaborado para tal emprego foi o tipo de linguagem em forma de relato apresentado em Viagem militar ao Rio Grande do Sul, muito próximo ao utilizado na literatura, onde se pode encontrar uma riquíssima quantidade de detalhes acerca de eventos, pessoas, paisagens e vestimentas, que não são tão relevantes para historiadores e, por esse motivo, na maioria das vezes, passam a ser ignorados por estes e, consequentemente, omitidos de suas obras.

Por outro lado, tais detalhes, por mais ínfimos que sejam, mostram-se relevantes para o enriquecimento da construção ambiental da obra literária, como, por exemplo, a descrição apresentada por Conde d'Eu de que o acampamento das tropas sob o comando do Barão de Porto Alegre ficava ao lado de uma "pequena chácara de laranjeiras" (D'EU, 1936, p. 126, 127). Essa informação, ao chegar ao conhecimento do romancista, é repassada para *A ferro e fogo* e surge na narrativa no momento em que alguns soldados, muito disciplinados, chamam a atenção de Philipp, e o mesmo diz para os seus amigos olharem, pois eles se encontravam "ao lado daquele pomar de laranjeiras e seguem agora para a barraca do Barão de Porto Alegre" (2008, p. 173).

Em última análise, a forma com que a obra de Conde d'Eu foi composta e escrita certamente caracterizou-se como um fator importantíssimo, auxiliando no trabalho do romancista. Esse relato, talvez, foi responsável pelo fato do cerco de Uruguaiana ter ocupado mais páginas em A ferro e fogo do que todo o restante do conflito, e os episódios relacionados a ele são os que mais carregam detalhes e descrições. Interessante observarmos, inclusive, o surgimento da figura do nobre na narrativa, que em uma passagem onde Herrschaft, ao final da guerra, recorda-se de tudo aquilo que vivera com seus companheiros, lembra-se de "Conde D'Eu, genro do imperador", o qual se apresentava "naquele seu fardamento recém-saído das mãos do alfaiate, quando da rendição de Uruguaiana" (2008, p. 250). Todavia, com o término do cerco de Uruguaiana, o nobre embarca em um vapor em direção a Rio Grande, de onde, após uma curta estadia, retorna ao Rio de Janeiro, finalizando assim os seus relatos de viagem.

Por meio da representação do cerco de Uruguaiana em *A ferro e fogo*,

podemos notar uma abordagem que vai na contramão de muitos trabalhos enaltecedores do período, sobretudo os associados ao processo de construção do nacionalismo e da identidade nacional, nos quais há a elaboração de heróis e a idealização de um povo ligado a um passado glorioso em comum. Isso ocorre porque, como em outros eventos tratados no romance, Josué Guimarães apresenta as lideranças históricas desligadas de grandes feitos, agindo de modo periférico na narrativa e, muitas vezes, até sendo questionadas pelas personagens fictícias pela sua falta de iniciativa para atacar o inimigo entrincheirado. O próprio desfecho da batalha, se é que podemos chamá-la assim, foi, conforme está apresentado na narrativa romanesca, "uma vitória sem heroísmo" (2008, p. 202), sem um tiro disparado, contra um inimigo doente e faminto.

Tal conjuntura ocorre porque o autor, segundo suas próprias palavras, procura mostrar ao seu leitor que "por trás da história, nas entrelinhas da história, podemos encontrar outras coisas muito mais interessantes, muito mais vivas, em que os combates não foram tão combates" e que "há muitos heroísmos por aí motivados por interesses pessoais de riqueza, de domínio" (GUIMARÃES, 1988, p. 8).

Após a libertação de Uruguaiana das forças paraguaias, a guerra entra para aquilo que Roche (1969, p. 19) chamou de "segunda fase", quando o território sul-rio-grandense está livre de inimigos, e o conflito passa a ser disputado do outro lado da fronteira. Tal fase caracteriza-se, segundo o historiador francês, tanto pelos sucessos aliados quanto pelas façanhas dos soldados e chefes sul-rio-grandenses, pois gaúchos e colonos alistaram-se lado a lado nos regimentos ou nas baterias, cujas bandeiras foram solenemente depositadas na catedral de Porto Alegre em 1870. É importante salientar que essa passagem também chamou a atenção do romancista, a ponto de ele destacá-la.

Porém, cabe chamar a atenção para o fato de que, se por um lado os rio-grandenses e os teutos se viam com igualdade dentro das tropas, isso não ocorria entre os demais brasileiros. Em alguns momentos, as rivalidades, ainda presentes desde a Guerra dos Farrapos, encerrada vinte anos antes, ecoaram entre os soldados. Conde d'Eu (1936, p. 109) relata que sua caravana passou por duas cruzes de madeira, das quais alguns membros diziam ser o local de uma batalha entre brasileiros e argentinos, ocorrida em 20 de fevereiro de 1827; outros diziam que indicavam onde foram sepultados os corpos dos soldados mortos. Tal distorção também surge quanto à responsabilidade pela derrota, pois para os imperiais a culpa se deve à falta de disciplina entre a cavalaria rio-grandense, enquanto os sulinos "atribuem a perda da batalha à imperícia do Marquês de Barbacena e do seu

chefe de estado-maior, um prussiano chamado Braun. Outro momento em que tal antipatia é trazida nos registros do nobre ocorre quando a comitiva cruza o local onde outrora foi disputada a batalha de Poncho Verde, e surge o comentário de que os moradores locais contam que "os cadáveres encheram até à borda um ribeiro" local, após a luta. Para confirmar a informação, perguntam ao Marquês de Caxias, que estava presente na comitiva, e fora o comandante das forças imperiais na ocasião, se tal informação era real, e o mesmo informa, de maneira a acalmar os ânimos, que "do lado legalista as perdas não excederam de 40 mortos e 120 feridos. As dos vencidos foram certamente mais consideráveis" (D'EU, 1936, p. 201), mas deixando entender que não chegariam a tantas quanto os boatos mencionam.

Tais rivalidades também são evidentes no romance, percebidas no momento em que Philipp nota a chegada do Barão do Jacuí e, com certo desprezo, diz aos seus amigos que lá estava "o nosso inimigo de ontem, lembram-se dele? Foi legalista na Guerra dos Farrapos e então se chamava Coronel Abreu" (2008, p. 174). Assim, a obra faz questão de representar ao seu leitor, seguindo os sentimentos da época trazidos pelo relato de Conde D'Eu, que certas mágoas, provenientes de tempos distantes, ainda estavam presentes durante a Guerra do Paraguai.

Com o avançar do conflito, apesar dos constantes sucessos do exército imperial, o romance passa a focar sua narrativa no lado humano das tropas, apresentando os dramas pessoais vividos no *front* pelos soldados brasileiros, sendo que os combates propriamente ditos são apenas mencionados em determinados momentos, principalmente após Philipp ficar impossibilitado de ir ao *front* devido à enfermidade que contraiu.

Após a recuperação de Philipp, a narrativa ainda relata que ele esteve presente em Tuiucue e depois foi transferido para o Chaco. Contudo, como nas batalhas anteriores, o autor passa rapidamente por esses eventos, muitas vezes apenas citando o nome do evento, sem abordá-lo profundamente, pois, como mencionado anteriormente, sua maior preocupação está nos dramas enfrentados diariamente pelas personagens no contexto do conflito, como a falta de vestimentas adequadas, os problemas com pragas, a alimentação precária, as doenças e a falta de estrutura, entre tantos outros.

Se existem atos de valor em combate, estes se fazem presentes dentro do contexto da luta diária pela sobrevivência, como, por exemplo, quando Gründling informa aos presentes que "von Steuben foi citado por um ato de heroísmo, agarrou uma granada acesa que havia caído entre a peça que comandava e outra da Primeira Bateria, jogando-a para fora da amurada", e prontamente o autor de tal proeza, timidamente, se justifica, dizendo que

"não [fez] por heroísmo, se deixasse a granada ali, ela teria explodido e matado aqueles rapazes, inclusive a mim também" (2008, p. 211).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, podemos concluir que, buscando uma grande quantidade de dados historiográficos para compor sua narrativa, com o intuito de transmitir verossimilhança ao seu leitor, Josué Guimarães procura representar um panorama não ufanista da Guerra do Paraguai, não tendo como enfoque os combates propriamente ditos, nem as lideranças históricas, elementos geralmente centrais nas abordagens historiográficas do período, mas sim os diversos personagens comuns esquecidos pela História e seu dia a dia nem um pouco gloriosos. Por meio de Philipp, o romancista demonstra que o menor dos problemas enfrentados pelos combatentes foram os paraguaios. Indo ao encontro dessa perspectiva, Santos e Lipke afirmam que *A ferro e fogo* permite "o resgate da versão não oficial e a atribuição de voz às camadas populares" (2009, p. 42).

Essa ideia se mostra ainda mais latente ao final do romance, com o término do conflito, quando Philipp passa a refletir sobre aquilo que vivenciou e a compreender mais profundamente algumas questões.

Isso ocorre inicialmente com o fim da guerra e o retorno dos Voluntários da Pátria ao Rio Grande do Sul. Ao chegarem pela manhã à capital gaúcha, percebem uma excitação por parte da população para recebê-los. Neste momento, Philipp nota que "Porto Alegre inteira estava nas ruas, centenas de bandeiras imperiais eram agitadas com entusiasmo, a cavalaria vencia o caminho com dificuldade, os animais espantados desfaziam o alinhamento precário" (2008, p. 256). Todavia, à noite, passado todo esse frenesi, após jantar na casa de seu irmão, onde pernoitou, Philipp fica "afofando o travesseiro com as mãos, alisando os alvos lençóis e pela sua cabeça desfilaram todos aqueles bons companheiros que ficaram para trás [...], quando assoprou a chama do lampião, dormiu logo, como se fizesse aquilo pela primeira vez" (2008, p. 258).

No dia seguinte, ao chegar em casa e ver sua família, Philipp percebe que não ganhara nada ao se engajar ainda muito jovem nas forças de Oto Heise durante a Guerra Farroupilha, muito menos em ter seguido a carreira militar, compondo o Batalhão de Voluntários, envolvido na Guerra do Paraguai. Se sua intenção era, de algum modo, lutar por justiça, isso não ocorreu, pois ao dedicar sua vida a causas em que acreditava serem suas, apenas serviu aos interesses das elites locais e do império.

Em última análise, Philipp, após uma vida inteira voltada à guerra,

percebeu que não alcançou nenhuma glória, pois nunca existiram glórias a serem alcançadas, e que esses conflitos, na verdade, apenas roubaram sua juventude, seus sonhos e sua paz, trazendo-lhe apenas traumas, que se estenderiam pelo resto da vida. Como agravante por ter passado grande parte de sua vida nos campos de batalha, acabou deixado para trás coisas que iam desde o mais simples, como uma cama com travesseiro para dormir, até outras mais importantes, como seu lar e sua família, ficando longe de sua esposa por longos períodos, não presenciando o crescimento de seus filhos, que quase o tinham como um estranho, assim como o envelhecimento de seus pais.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. de Maria de Lourdes Menezes. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

CERTEAU, Michel de. *História e psicanálise*: entre ciência e ficção. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Trad. de Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Trad. de George Schlesinger. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

D'EU, Conde Gaston D'Orleans. *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

GALEANO, Eduardo. *Open veins of Latin America*. New York, Monthly Review Press, 1973.

GONZAGA, Sergius. A vitória do realismo. In: INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. *Josué Guimarães*: escrever é um ato de amor. Porto Alegre: IEL, 1988, p. 15-17.

GUIMARÃES, Josué. *A ferro e fogo*: tempo de guerra. 10. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado:* contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio, 2012.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. Trad. de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MIGNOLO, Walter. Lógica das diferenças e política das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa. Trad. Joyce

Ferraz. In: CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio Wolf de (Orgs.). *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 115-135.

MOTA, Carlos Guilherme. História de um silêncio: a Guerra contra o Paraguai (1864-1870) 130 anos depois. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 9, n. 24, p. 243-254, 1995.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa:* a intriga e a narrativa histórica. Trad. de Claudia Berliner. 1. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa:* a configuração do tempo na narrativa de ficção. Trad. de Claudia Berliner. 1. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

SMITH, Joseph. Illusions of conflict. *Anglo-American diplomacy toward Latin America*, 1865-1896. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1979.

ZEVALLOS, Enrique Amayo. A Guerra do Paraguai em perspectiva histórica. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 9, n. 24, 1995, p. 255-267.

Recebido em: 29/11/2023
Aceito em: 13/04/2024